

A concepção da filosofia em Louis Lavelle

Jean ÉCOLE

Da Introdução a *La Métaphysique de l'Être dans la Philosophie de Louis Lavelle*, Louvain-Paris, Nauwelaerts, 1957, pp. 17-23. Tradução de Olavo de Carvalho para exclusivo uso em classe pelos alunos do Seminário de Filosofia.

A filosofia, desde logo, não poderia abdicar perante a ciência, pois ela não é nem uma espécie de conhecimento pré-científico superado, e que devesse se dissolver num conjunto de ciências particulares, como a lógica simbólica, a psicologia experimental e a sociologia, nem uma reflexão sobre as ciências destinada a descobrir aí os progressos do espírito humano, nem um ensaio de coordenação entre as ciências. Em diversas ocasiões, com muita insistência, Louis Lavelle voltou a esse ponto, que na verdade é capital, pois envolve a existência da filosofia como disciplina especificamente distinta e autônoma, cujo princípio, após ter sido posto em fuga pelo positivismo, estava ainda mais ou menos comprometido pelo cientificismo larvado das diferentes tentativas que acabamos de enumerar.

Ora, esse perigo de suprimir a filosofia em proveito das ciências surge desde que se esquece que sua tarefa essencial – não podemos senão repeti-lo – é a de se debruçar sobre a existência humana, a qual é mesmo objeto de interrogação mais premente que possamos formular, ao qual é forçoso reconhecer que a ciência não traz nenhuma resposta, já que ela não nos informa senão sobre a matéria e as coisas, e ainda sem ultrapassar a ordem fenomênica, isto é, a maneira pela qual eles nos aparecem.

Numa palavra, a filosofia está envolvida na questão do nosso ser mesmo. E é erroneamente que a acusam, às vezes, de ser um jogo estéril de conceitos, pois, mais ainda que uma especulação sobre a existência, ela é, poder-se-ia dizer, a nossa existência mesma, no sentido de que ela não pode permanecer exclusivamente teórica, pelo fato de que, esclarecendo o sentido da nossa vida, ela nos compromete a viver segundo sua luz própria. Longe, portanto, de nos arrancar de nós mesmos e do nosso mundo familiar, a filosofia não tem outro objetivo senão o de nos fazer tomar uma visão mais nítida das condições da nossa existência no mundo em cujo seio nos é preciso viver.

Eis por que Luis Lavelle pode afirmar com bom direito, como Karl Jaspers, que nenhum homem poderia permanecer-lhe estranho e desinteressar-se dela, pois ela não é outra coisa, em definitivo, senão a vida, a nossa vida, na consciência mais lúcida que ela toma de si mesma e da sua responsabilidade na orientação que escolhe.

Isso equivale a afirmar, no mesmo ato, o liame estreito entre a filosofia e a consciência, pois o que é então essa interrogação sobre a existência, que constitui o objeto da filosofia, senão uma interrogação da consciência sobre ela mesma, que a leva a descobrir-se como uma atividade original e criadora de si mesma, no sentido de que dela depende o seu próprio destino? Por isso, Louis Lavelle não teme defini-la como “a ciência da consciência”, esclarecendo que essa experiência da interioridade ou, como ele diz ainda, da intimidade espiritual, não é a experiência de um “fechamento do eu em si mesmo”, mas, bem ao contrário, a de uma abertura do eu para tudo o que lhe permite ser ele mesmo, pois é demasiado evidente que não tomamos consciência de nós mesmos senão nas relações com nossos semelhantes, com as coisas e com o Absoluto.

Para começar por estas últimas, evidencia-se assim que, se a filosofia é em primeiro lugar psicológica, já que é a ciência da consciência, ela é em seguida, ou mais exatamente ao mesmo tempo, metafísica, uma vez que, segundo Louis Lavelle, o eu, desde que toma consciência de si mesmo, se apreende na sua relação com o Absoluto. Esse é um ponto ao qual ele retorna

incessantemente, a fim de melhor combater o pensamento relativista, do qual ele diz que não é nem mesmo um pensamento filosófico, pois este, no seu entender, não tem outro ponto de partida nem outro objeto senão a experiência interior, que ele entende como uma experiência de participação. O eu, com efeito, na consciência que toma de si mesmo, se apreende como um ser limitado, relativo; e, como o ser relativo, como já tinha visto claramente Spencer, não tem sentido senão por sua relação com o ser Absoluto, é então possível dizer que minha atividade limitada é uma atividade de dependência para com o Absoluto ou, o que dá na mesma, uma atividade de participação, de tal modo que podemos muito bem afirmar que a consciência que tomo de meus limites é, ao mesmo tempo, a da minha participação no Absoluto.

Nem por ser metafísica a filosofia deixa de continuar sendo, percebe-se, uma filosofia da consciência, pois é no seio desta que apreendemos o ser que somos em sua participação no Ser absoluto, do mesmo modo que é ainda nela e por ela que descobrimos as relações que nos unem às outras consciências e às coisas. Não é necessário, em consequência voltar a filosofia, a qual é uma só e a mesma que a metafísica, a um outro estudo senão o da consciência; nesta, na experiência que ela tem de si mesma, lhe são dados todos os elementos da solução que ela busca trazer ao problema da existência. E mal é necessário sublinhar o quanto, por esse aspecto que diz respeito à sua essência mesma, a filosofia de Louis Lavelle é fiel à tradição da filosofia francesa, da qual se pode dizer que desde Descartes é “uma psicometáfísica”.

A filosofia deve portanto ater-se, em primeiro lugar, a aprofundar essa experiência da participação que me é fornecida pela consciência de mim mesmo, já que ela me informa quanto às minhas relações com o absoluto, as quais constituem o centro mesmo da interrogação sobre a existência. Mas quem não vê que ela nos faz, no mesmo ato, penetrar no coração do problema do ser, que é mesmo o das relações do relativo e do Absoluto ou, como diz Descartes, do finito e Infinito?

Só que ela não pode resolvê-lo sem levar em consideração as outras consciências que participam, como eu, da atividade Absoluta. Pois, graças a esse liame comum que as une, elas e eu, ao Ser Absoluto, formo com elas e com este uma espécie de sociedade espiritual que constitui como que o meio no qual sou chamado a viver e cujas leis é importante que eu conheça, a fim de ser informado quanto ao sentido profundo da minha existência. Elucidar as relações entre as consciências, tal é, em consequência, a segunda e não menos importante tarefa da filosofia, que com freqüência a negligenciou sob o falacioso pretexto de que não existe de real senão o objeto material e de que o ser deve ser buscado pelo lado do objeto, ao passo que de fato, como gosta de repeti-lo Louis Lavelle, a consciência nos revela também o ser, não somente sob a forma do nosso ser, mas também sob a do Ser absoluto, e que, em consequência, o mundo das consciências constitui um mundo tão real quanto o mundo dos objetos. Deve-se mesmo dizer que, no entender de Lavelle, ele constitui para nós um mundo mais real do que o universo material, no sentido de que é só com as consciências que entramos em comunicação íntima, e não com os objetos, pois somos realmente forçados a reconhecer que o mundo material nos é dado como um espetáculo cujo desenrolar fundamental, malgrado nossas intervenções, nos permanece estranho.

Enquanto as consciências, com efeito, têm um sentido por si mesmas e podem mesmo decidir desse sentido graças à liberdade da qual são dotadas, os objetos não têm sentido senão em relação às consciências, na medida em que lhes servem, ao mesmo tempo, de obstáculos e de pontos de apoio. É aliás por isso que eles entram no campo da reflexão filosófica, a qual, após ter precisado as leis do mundo das consciências, mas somente após, deve se aplicar, em terceiro lugar, a fixar o sentido que o universo material tem para mim, isto é, a precisar o ser dos objetos ou das coisas. Pois não posso ter a pretensão de viver como um espírito desencarnado. Pelo meu corpo, tomo lugar no mundo material que, rodeando-me por todos os lados, me separa das outras consciências mas me permite também comunicar-me com elas; e é por isso que é preciso,

com toda necessidade, que eu saiba igualmente o uso que dele posso fazer, para levar a existência que me é dada e cujo destino está em minhas mãos.

Assim, a filosofia, segundo Louis Lavelle, sendo uma reflexão sobre o sentido da existência humana, o que faz dela indivisivelmente uma psicologia, uma metafísica e uma moral, isto é, em definitivo, uma sabedoria, nem por isso deixa de ser – e está bem nisso um dos traços essenciais que ela possui desde a sua origem – uma explicação total do universo, ou talvez, mais modestamente, uma visão de conjunto do universo.

Mas é preciso acrescentar que esse panorama de conjunto ou essa visão, porque se arraiga na experiência interior de cada filósofo ou, se quiserem, na sua própria descoberta do ser, é forçosamente marcada pela personalidade de cada um deles, que reflete ela mesma as preocupações do seu tempo. Não é duvidoso, por exemplo, que o interesse atual da filosofia pelos problemas relativos à existência e ao valor provém de que, na esteira de duas guerras mundiais e na crise profunda em que se debatem os homens hoje em dia, não há ninguém que não se sinta mais ou menos ameaçado em tudo o que tem ligação com a sua existência e com os valores que ela põe em jogo. Por isso é preciso admitir que toda filosofia é uma visão pessoal, própria a cada filósofo, de tal modo, que no fundo, há tantas filosofias quanto filósofos, e que, para compreendê-las plenamente, é necessário refazer, para cada uma delas, a experiência na qual elas se arraiga.

Mas, como sempre se trata, em umas e nas outras, de uma interrogação da consciência sobre si mesma, e porque em todas as consciências, qualquer que seja a sua originalidade própria, essa interrogação permanece a mesma, não é contraditório afirmar que a filosofia é ao mesmo tempo pessoal e universal, e que de fato não há senão uma só filosofia da qual participam todos os filósofos, como o prova o diálogo intemporal que se estabelece entre os de hoje e os de ontem, assim como a complementação mútua que trazem umas às outras as diversas filosofias, por opostas que sejam.

Não é isso, aliás, o que se quer dizer quando se emprega a expressão *Philosophia perennis*, a qual indica, segundo o nosso autor, que a filosofia é uma obra que todos os filósofos têm o dever de promover, permanecendo fiéis à revelação particular que a verdade, no entanto comum a todos, produz neles, e compreendendo que cada um deles tem necessidade de todos os outros para prolongar e completar a parcela de verdade que entreviu? Por isso ele pensa que os diversos sistemas filosóficos, longe de excluir-se uns aos outros, concorrem todos para a descoberta da mesma verdade que eles aclaram em mais ou em menos e que, por esse fato, há interesse em buscar aquilo no qual convergem, mais do que aquilo que os opõe.

Tal é a maneira pela qual Louis Lavelle concebe a filosofia e as relações entre as diversas filosofias.